

## UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DAS RELAÇÕES SEMÂNTICO-COGNITIVAS EM PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Lúcia Regiane LOPES-DAMASIO\*

- RESUMO: Este estudo propõe uma abordagem específica da mudança semântico-cognitiva, em processos de gramaticalização, a partir da exploração de graus de não discretude conceitual e complexidade cognitiva crescente, conforme estudos de Kortmann (1997) a partir de subordinadores de base adverbial. O universo de investigação é constituído de textos medialmente escritos (editoriais, cartas e *e-mails*) e falados (amostras do Banco de Dados IBORUNA), representativos dos séculos XVIII a XXI. Os resultados mostram que, em relação aos padrões de usos juntivos de **assim** focalizados a partir de Halliday (1985), a saber, juntor coordenativo conclusivo (P **assim** Q), comparativos, conformativos (P **assim como** Q), temporal (**Assim que** Q, P) e contrastivo (P, **mesmo assim** Q), a análise das relações semântico-cognitivas no processo de GR de **assim** forneceu-nos uma escala crescente de complexidade cognitiva associada à discretude semântica e uma especificação das relações interoracionais desempenhadas por esses padrões. Os resultados dessa análise permitiram a proposta de uma relação tridimensional de derivação entre os domínios cognitivos, apontando Modo como a macrofunção mais produtiva nos dados.
- PALAVRAS-CHAVE: Relações semântico-cognitivas. Gramaticalização. Mudança. Domínios cognitivos.

### Apresentação

O presente artigo tem por objetivo discutir a mudança semântico-cognitiva, vista como consequência de inferências pragmáticas, em processos de gramaticalização (GR, daqui em diante) (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, TRAUGOTT, 1982, 1989, 1995, 2003a, 2003b, TRAUGOTT; KÖNIG, 1991), a partir da exploração de graus de não discretude conceitual que juntores individuais exibem em relação direta com o grau de polifuncionalidade semântica e complexidade cognitiva.

Para tanto, a partir de Kortmann (1997), será postulada uma estrutura em camadas, no espaço semântico de relações interoracionais, consistindo em um núcleo de relações circunstanciais básicas e diversas camadas de relações cada

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. 15081-430 – luciaregiane@bol.com.br. FAPESP (07/07955-5).

vez mais periféricas. A partir dessa estrutura, será possível estabelecer uma relação entre a *basicness* cognitiva de relações interacionais e a GR.

Nesse âmbito, a organização macroestrutural de relações interacionais poderá refletir as afinidades e suas forças relativas, dentro e entre os maiores sistemas, a saber: **modo, tempo, lugar e CCC** (causa, condição e concessão), a fim de oferecer uma alternativa aos tradicionais *clines* de mudança semântico-cognitiva subjacentes à GR,<sup>1</sup> caracterizada pela construção de um mapa cognitivo, tridimensional e similar aos modelos de moléculas em química, capaz de ilustrar não só a unidirecionalidade da mudança, nesse nível, como também as principais rotas de sistemas **fonte e alvo** subjacentes a ela, determinadas pelos traços configuradores do sistema **fonte** em sua microestrutura.

Para isso, apresentaremos, nas próximas seções, os Padrões de **assim** no domínio da junção, analisados a partir dos pressupostos de Halliday (1985), como base para a abordagem das relações semântico-cognitivas no processo de GR desse item, nos Padrões focalizados, a partir da proposta de Kortmann (1997), fundamentada em seus estudos tipológicos e históricos de subordinadores adverbiais em línguas européias.

Os *corpora* deste trabalho, inserido no Projeto para a História do Português Paulista (Projeto Caipira), organizam-se em:

(A) diacrônicos: **carta** e **editorial jornalístico**.

O *corpus* de **carta** divide-se em: (i) **Administração Privada**: cartas de aldeamento de índios (séculos XVIII e XIX); (ii) **Documentos Pessoais**: cartas de pessoas relacionadas com: (a) José Bonifácio (primeira metade do século XIX); (b) Washington Luiz (final do século XIX);<sup>2</sup> (c) Prof. Fidelino de Figueiredo (final do século XIX e século XX);<sup>3</sup> e (iii) **Cartas de leitores e redatores de jornais** (séculos XIX e XX).<sup>4</sup>

O *corpus* diacrônico de **editorial** compõe-se por textos do jornal *O Estado de S. Paulo* desde a sua fundação, quando se intitulava *A Província de S. Paulo*,

---

<sup>1</sup> Tal como, por exemplo, o conhecido *cline* PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE, de Heine, Claudi e Hümmeyer (1991).

<sup>2</sup> Material coletado por Simões e Kewitz (2006).

<sup>3</sup> Material coletado por Barroso e Batista (2007), respectivamente, bolsista CAPES/mestrando em Letras do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa (DLCV/FFLCH/USP), e bolsista Fapesp-IC/graduanda em Letras (FFLCH/USP), sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.

<sup>4</sup> Material coletado por Barbosa e Lopes (2002, 2006).

até 1964, seguindo a divisão: (i) século XIX (1875-1895); e (ii) século XX (1858, 1859 e 1864);<sup>5</sup> e

(B) sincrônicos, compostos por: (i) inquéritos do Banco de dados IBORUNA (amostras de fala do Noroeste Paulista); e (ii) *e-mails*.<sup>6</sup>

A escolha desses textos foi motivada por uma possível relação entre: (i) carta > editorial, de um lado; e (ii) carta > *e-mail*, de outro. A relação proposta em (i) pode ser justificada principalmente a partir de características comuns entre as **cartas em mídia**, especificamente, as cartas escritas por redatores de jornais, e os editoriais, inicialmente encontrados no jornal paulista em destaque, em alguns casos também assinados por redatores. Por sua vez, a relação em (ii), defendida em uma série de estudos (MARCUSCHI, 2008; CRUZ, 2006; PAIVA, 2005), pauta-se no entendimento do meio tecnológico, subjacente a contextualização do *e-mail*, como uma condição de produção específica desse texto. Assim, vamos entender que, com a mudança representada nesse meio, toma lugar também uma nova tradição textual, ainda que seus laços com outras tradições sejam claros. Tal relação é relevante porque este estudo é parte de uma tese de doutorado, intitulada “Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a *assim*: um novo enfoque da gramaticalização”, que toma o conceito de tradição discursiva (KABATEK, 1996, 2002, 2005, 2008) não só como ferramenta metodológica para a constituição dos *corpora* de pesquisa mas também como critério teórico de relevância no processo de GR focalizado.

### **Assim no domínio da junção**

As ocorrências de **assim** em nossos *corpora* permitiram a identificação de contextos em que o item sozinho ou em locuções, relacionadas com sua foricidade, desempenha função de juntor. Foram depreendidos quatro Padrões no domínio da junção, a saber:

Padrão A – P **assim** Q (coordenativo conclusivo);

Padrão B – P **assim como** Q (comparativo não correlativo, comparativo correlativo, coordenativo aditivo e conformativo);

Padrão C – **Assim que** Q, P (temporal); e

Padrão D – P, **mesmo assim** Q (contrastivo).

---

<sup>5</sup> Material coletado por Lopes-Damasio e Jubran (2009-2010) no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), localizado no campus da UNESP de Assis. Atualmente os textos já estão digitados e em fase de organização para futura publicação na série *Corpora do Projeto para a História do Português Brasileiro*. (em fase de elaboração).

<sup>6</sup> Material coletado por Lopes-Damasio (2009) especialmente para esta pesquisa.

Para uma breve descrição das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, articuladas pelos Padrões acima apresentados, a partir dos pressupostos teóricos de Halliday (1985), à notação 1 (inicial) e 2 (continuação), na parataxe, e  $\alpha$  (dominante) e  $\beta$  (dependente), na hipotaxe, acrescentar-se-ão P e Q, conforme quadro 1 abaixo:

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1P (inicial)	2Q (continuação)
HIPOTAXE	$\alpha$ P(dominante)	$\beta$ Q (dependente)

**Quadro 1** – Orações relacionadas em *parataxe* e *hipotaxe*

**Fonte:** autoria própria.

Nos usos de **assim** na locução **assim como** foram detectados quatro comportamentos semântico-formais: em que a locução exerce função (i) **aditiva**; (ii) **comparativa correlativa**; (iii) **comparativa não correlativa** e (iv) **conformativa**. Dentre esses comportamentos, dois tipos de relações e de interdependência entre as orações articuladas pela locução podem ser observados.

No primeiro tipo, a locução **assim como** aditiva é utilizada em orações de mesmo estatuto, i. é, consideradas livres e funcionalmente independentes. Localizada em 2Q, **assim como** representa uma **extensão** do significado de 1P a partir do acréscimo de algo novo, representativo simplesmente de uma adição, que não implica nenhuma relação causal ou temporal entre as orações. Nesse caso temos, segundo Halliday (1985), a combinação da **extensão** com a **parataxe**, resultando no que é conhecido como COORDENAÇÃO entre orações (1P + 2Q). Como se trata unicamente de uma adição, mesmo dentro da interdependência paratática, há liberdade de sequenciação/ordenação entre 1P e 2Q, possibilitando a inversão da ordem dessas orações. Para exemplificar, expomos a ocorrência (01):

- (1) “Desejo sin-| çeramente que sua saude se tenha refeito com a volta ao| clima em que o seu corpo foi criado, **assim como** desejo| que sua distinguida família se encontre bem e que o 1952| vos seja verdadeiramente favorável.” [FFXX-52/119].<sup>7</sup>

A mesma locução, agora **comparativa correlativa**, **comparativa não correlativa** e **conformativa**, é utilizada em orações de estatutos diferentes, isto é, sendo uma considerada funcionalmente independente, assumindo a característica

<sup>7</sup> Seguem, na identificação dos *corpora*, respectivamente: (i) sigla correspondente ao conjunto de textos, a saber, FF – cartas pessoais relacionadas ao Prof. Fidelino de Figueiredo; AI – cartas de Aldeamento de Índios; LR – cartas de leitores e redatores de jornais; APSP – editoriais do jornal A Província de São Paulo; (ii) século de publicação do texto; e (iii) numeração da ocorrência nos *corpora*.

de modificada, e a outra considerada funcionalmente dependente, assumindo a característica de modificadora. Nessa configuração de interdependência hipotática, a locução representa uma relação de *realce* do significado de  $\alpha P$  a partir do acréscimo de um significado de **comparação/conformidade** dentro da categoria de **modo** apresentada por Halliday (1985),<sup>8</sup> em  $\beta Q$ . A combinação de **realce** com a **hipotaxe** ( $\alpha P \times \beta Q$ ) resulta no que é conhecido na gramática tradicional/formal como “orações adverbiais”.

Entretanto, no caso das **comparativas (não)correlativas**, diferentemente do que se observa nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe* e também na perspectiva gramatical mais tradicional, no que tange às orações adverbiais, é impossível a inversão da ordem das orações envolvidas. Ou seja, os elementos são ordenados em dependência, caracterizando um traço da hipotaxe, mas são dependentes também da sequência/ordenação, o que constitui traço da parataxe. Assim, estamos diante de um caso em que o uso da locução não pode ser categoricamente classificado como hipotático, uma vez que ainda revela traços do nexos paratático. Além desse aspecto formal, semanticamente percebe-se uma relação intrínseca entre adição e comparação, i. é, nos casos de realce dentro da hipotaxe pode haver persistência da aceção aditiva. As ocorrências (02) e (03) ilustram casos de **comparação correlativa e não correlativa**, respectivamente:

- (2) “eaSSi por mais *que* os queira ReduZir ao gremio deSSua igre| ja por velos taõ derramados: ConSsigo poCo fruto **aSSim** por alguñs | fugirem deSSua aldeia; **Como** outros Sonegados de *quem* ostem.” [AIXVIII-03/41].
- (3) “Eu me acho com saude, | graças a Deus, **assim como** todos os nossos filhinhos”. [LRXIX-478/98].

Por outro lado, as conformativas enquadram-se nas relações de **realce** dentro da **hipotaxe** e, no que diz respeito ao critério de ordenação de orações, constata-se o comportamento prototípico das hipotáticas: os elementos são dependentes, mas a ordem das orações não é determinante. Assim, as conformativas representam o uso de **assim como** mais categorizável como plenamente hipotático. Nesses casos, a relação entre essa aceção e as outras, constatadas nos demais usos da mesma locução, pauta-se no traço modal de **assim**. A ocorrência (04) ilustra um caso de conformidade:

- (4) “**Assim como** vão as cousas no to-| cante á instrucção publica, dentro de| pouco tempo só haverá uma provi-| dencia util a tomar: reduzir a verba| para a despeza com o ensino pri-| mario.” [APSPXIX-1889/138].

---

<sup>8</sup> A categoria de modo, segundo Halliday (1985), engloba também o significado de **meio**, possivelmente ilustrado, em sua forma não finita, por **por (meio) de**.

Nos usos de **mesmo assim**, encontram-se casos em que a locução é também empregada em orações consideradas livres e funcionalmente independentes. Em 2Q, **mesmo assim** representa uma combinação de **realce** com a **parataxe** (1P x 2Q), produzindo o que é também um tipo de coordenação. A oração introduzida por **mesmo assim** integra uma categoria **causal-condicional** apresentada por Halliday (1985), especificamente marcando um significado de concessão-consequência. Preferimos denominar a relação aí estabelecida de **contrastiva**, ao invés de concessiva, a fim de marcar uma diferença entre esses usos e os concessivos: se a oração em realce preceder, tornando-se temática no complexo oracional, a relação é hipotática, e, portanto, concessiva; se a oração em realce proceder, como é o caso de 2Q introduzida por **mesmo assim**, a relação é paratática. Note que aqui, como preconiza o autor, embora haja a independência característica das orações paratáticas, a sequência/ordenação não pode ser alterada. Vale ressaltar também que exatamente a proximidade entre as **contrastivas** e as **concessivas** mostra que estamos diante de um caso de parataxe muito próximo da hipotaxe, tratando-se novamente de uma classificação já a meio caminho do *continuum*. A ocorrência (05) ilustra esse caso:

- (5) “Quer nos parecer que hoje há vergonha | em confessar-se a verdade inteira. || **Ainda assim**, estas informações não [levam] | o sr. conselheiro director das terras | e colonização a formular um desmentido á | imprensa paulista, e particularmente a nós.” [APSPXIX-1876/026].

Nos usos em que o item, fora da configuração de locuções, atua como um juntor, encontra-se também a articulação de orações consideradas independentes, configurando a relação de interdependência paratática. Estamos mais uma vez diante de um caso em que o item, localizado em 2Q, articula uma oração que realça o significado da outra, 1P, por meio da qualificação via estabelecimento de uma relação causa-consequência, que pode ser configurada na notação (1P x 2Q). A combinação de **realce** com a **parataxe** resulta em um tipo de coordenação, em que uma característica circunstancial encontra-se intrínseca. Halliday (1985, p.213) engloba casos como esse na categoria **causal-condicional**, codificando uma relação de **causa-efeito** (o que implica causa-consequência, como adotamos neste trabalho). Como já foi apontado, por conta das especificidades desse tipo de relação e da interdependência a sequência/ordenação não pode ser invertida. A ocorrência (06) ilustra esse funcionamento:

- (6) COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO PAULISTA || *Senhores* Redactores. – Li por duas vezes, no | jornal de *vossassenhorias*, reclamações sobre a irregula- | ridade dos vapores desta companhia e da | desconsideração com que se tratava os Pau- | listas, deixando de os avisar das trasnferen- | cias por meio de annuncios, etc. || Vi no *Diario* uma defesa, em favor da com- | panhia, desmentindo a primeira queixa

pu- | blicada na *Provincia*, e não soube como de- | cidir-me, o que acontece a quem vive no | matto e não anda a par de todas as cousas. | Chegou, porém, a minha vez de examinar | de que lado está a razão e verifiquei infeliz- | mente que está da parte dos queixosos que | tem vindo á *Provincia*. || Tendo de ir á côrte indaguei de alguns | amigos quando haveria vapor para lá e me | foi dito que sahia a 11 do corrente, o que por | mim foi verificado tambem no *Diario de San- | tos*, na parte que trata da sahida e entrada | de navios naquelle porto. || **Assim**, disponho a minha viagem|| [LRXIX-514/105].

Por fim, os usos de **assim** na locução temporal **assim que** atuam na articulação de orações funcionalmente diferentes, em um caso de interdependência **hipotática** com a combinação de **realce** representado na notação ( $\alpha P$  x  $\beta Q$ ). Especificamente, nessa relação de realce entre orações dependentes, marca-se uma acepção temporal, em que está presente o traço “pontual”. Note que  $\beta Q$ , introduzida pela locução, portanto, sendo finita, acumula as funções de expressar a dependência (o estatuto hipotático), a relação circunstancial (temporal) e a aspectual (pontual). Dentro da estrutura hipotática,  $\alpha P$  e  $\beta Q$  são ordenadas em dependência e amplamente independentes da sequência. Sendo assim, identificam-se as sequências: oração dependente seguindo ( $\alpha P$  x  $\beta Q$ ) e precedendo a dominante ( $\beta Q$  x  $\alpha P$ ):

- (7) “Quanto ao trabalho sobre o Latim Vulgar, que constitui assunto da minha tese de concurso, estou re-vendo-o para impressão. Mandar-lhe ei com muito prazer um e-xemplar **assim que** esteja impresso.” [FFXX-52/131].

## **As relações semântico-cognitivas no processo de GR de assim**

Central para o estudo do processo de GR de **assim**, especialmente em relação aos Padrões de (A) a (D), de uso juntivo do item e formas correlatas, é a descrição da polissemia, observável na mudança semântica, e da ambiguidade, em termos de processos cognitivos fundamentais para trabalhar questões relacionadas à comunicação e à percepção humana do mundo (SWEETSER, 1990).<sup>9</sup>

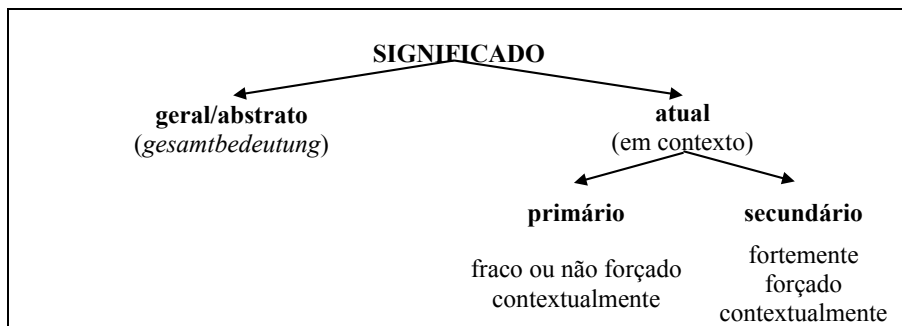
Para tais considerações basear-nos-emos, especificamente, em Kortmann (1997). Segundo esse autor, a análise da mudança de significado, em um número considerável de línguas, capaz de identificar um estudo tipológico, idealmente línguas nem genética, nem espacialmente relacionadas umas às outras, mostrou que alguns sentidos dão origem a outros, posteriores no tempo. A idéia que leva a esta afirmação é o método correspondente à **reconstrução semântica**

---

<sup>9</sup> As inferências pragmáticas e as mudanças semânticas que nos interessam “são sempre inferências e mudanças do menos específico para o mais específico, reinterpretadas aqui como desenvolvimentos do menos complexo cognitivamente para as relações interoracionais mais complexas cognitivamente.” (KORTMANN, 1997, p.160).

**interna** (TRAUGOTT, 1982).<sup>10</sup> É importante lembrar que muitas dessas mudanças semânticas podem e, até mesmo, devem ser vistas como consequências de inferências pragmáticas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) que, em alguns casos, podem se tornar convencionalizadas, mas que também, em muitos outros, permanecem em estágios nos quais não são mais do que um rico *context-bound*, proporcionador de uma leitura opcional no interior de um determinado recorte sincrônico.

Diante desses apontamentos, de partida, consideraremos, seguindo Kortmann (1997), que os significados sem ou com mínimas pressões contextuais poderiam qualificar-se como **primários**, e aqueles com fortes restrições contextuais como **secundários**. Isso pode ser visto na Figura 1, emprestada do autor:



**Figura 1** – Significado geral/abstrato e significado atual

**Fonte:** Kortmann (1997, p.18).

Os significados de interesse aqui, assim como para os semanticistas cognitivos e para os tipologistas funcionais, serão, obviamente, os significados atuais. Consideraremos, seguindo indicações de Haegeman (1985) e, acima de tudo, dos resultados alcançados até aqui, que diferentes leituras do mesmo item **podem** acarretar efeitos na sintaxe da oração em que se insere ou que introduz (Padrões (A) a (D)). Então, as restrições sintáticas são um diagnóstico proveitoso na identificação de diferentes significados do mesmo item, conforme apontado na seção prévia de análise.<sup>11</sup>

Além disso, consideraremos, ainda segundo indicações do mesmo autor – e de outros, como Sweetser (1990); Schiffrin (1987); Hengeveld (1993) –, que certas relações interoracionais operam ou no nível do conteúdo ou no nível

<sup>10</sup> Sincronicamente, sentidos adjacentes são também diacronicamente adjacentes, de tal forma que sentidos que são fonte de polissemia/ambiguidade na perspectiva sincrônica serão fonte de derivação na diacrônica (TRAUGOTT, 1982).

<sup>11</sup> É relevante ressaltar que, como Haegeman (1985), também não estamos afirmando que diferentes leituras de um item sempre terão repercussão sintática.



epistêmico, ou, ainda, podem apresentar potenciais distintos para serem usadas, ora em um, ora em outro desses dois planos discursivos, o que deve ser tratado como um indício do processo de GR. Nessa direção, apresentamos o Quadro 2 que segue:

PLANOS DISCURSIVOS	PADRÕES			
	<i>Nível do conteúdo</i>	Padrão (A) causa- consequência	Padrão (B) comparação adição	Padrão (C) tempo
<i>Nível epistêmico</i>	Padrão (A) causa- consequência	Padrão (B) conformativo		Padrão (D) contrastivo

**Quadro 2** – Relação entre Planos discursivos e Padrões de **assim**

**Fonte:** Autoria própria.

Existem evidências interlinguísticas, para além dos limites dos dados aqui focalizados, que, sincrônica e diacronicamente, fortalecem as associações acima propostas. Kortmann (1997) aponta evidências sincrônicas a partir de seus dados: dos 470 subordinadores adverbiais para os quais os informantes estavam certos de que poderiam dar um uso metalinguístico, quase 60% sinalizam uma relação causal, condicional, concessiva. Por contraste, apenas 18% desses subordinadores servem como marcadores de uma relação temporal. Como evidências históricas, podemos reclamar hipóteses recentes em GR, tais como as mudanças semânticas observáveis em verbos modais (BYBEE; PAGLIUCA, 1985) ou conectivos adverbiais (p. e., *since* de Anterioridade para Razão; *while* de Simultaneidade para Contraste), que tendem a exibir um aumento de **subjativização** (TRAUGOTT, 1989).

Feitas essas colocações iniciais, o parâmetro a ser explorado nesta seção diz respeito ao grau de não discretude conceitual que as relações interoracionais individuais, focalizadas aqui, exibem em relação direta com um aumento do grau de polifuncionalidade semântica. No que tange a esse parâmetro, Kortmann (1997, p.168) apresenta a seguinte pergunta: “Qual é a noção que gera esse parâmetro em geral?” Em resposta, diretamente indicada para os nossos dados, o autor afirma que quanto mais frequentemente uma dada relação interoracional é expressa como um de vários significados de um item, enquanto juntor, mais alto é seu grau de não discretude conceitual (caso dos Padrões (A) e (B)); conseqüentemente, quanto menos frequentemente uma dada relação interoracional é expressa, mais baixo é seu grau de não discretude conceitual (caso dos Padrões (B-conformativo), (C) e (D)). Além do mais, esse grau de não discretude tende a aumentar para relações interoracionais conceitualmente primitivas, mas diminuir para aquelas conceitualmente complexas.

Diante disso, apresenta-se, na sequência, o Quadro 3, a partir dos resultados do trabalho de Kortmann (1997), em que se listam as relações interoracionais de interesse, destacando a não discretude semântica das relações estabelecidas e a complexidade cognitiva. Nele, seguem destacadas as relações equivalentes aos Padrões de (A) a (D):

NÃO DISCRETUDE SEMÂNTICA E COMPLEXIDADE COGNITIVA DE RELAÇÕES INTERORACIONAIS								
Relações	- GRAU DE DISCRETUDE >>>				+ GRAU DE DISCRETUDE			
	- GRAU DE COMPLEXIDADE >>>		>>>		>>>		+ GRAU DE COMPLEXIDADE	
TEMPORAIS	Sobreposição de Simultaneidade <i>when</i>	Duração de Simultaneidade <i>while</i>	Contingência <i>whenever</i>	Anterioridade <i>after</i>	Anterioridade Imediata <i>as soon as</i> <b>PADRÃO (C)</b>	“Terminus ad quem” <i>until</i>	Posterioridade <i>before</i>	“Terminus a quo” <i>since</i>
CCC	Causa <i>Because</i> <b>PADRÃO (A)</b>	Condição <i>if</i>	Resultado <i>so that</i>	Propósito <i>in order that</i>	Condição Concessiva <i>even if</i>	Contraste <i>whereas</i> <b>PADRÃO (D)</b>	Concessão <i>although</i>	
MODAIS / LUGAR	Similaridade <i>as, like</i> <b>PADRÃO (B)</b>	Comentário/acordo <i>as</i> <b>PADRÃO (B)-conformidade</b>	Comparação <i>as if</i>					

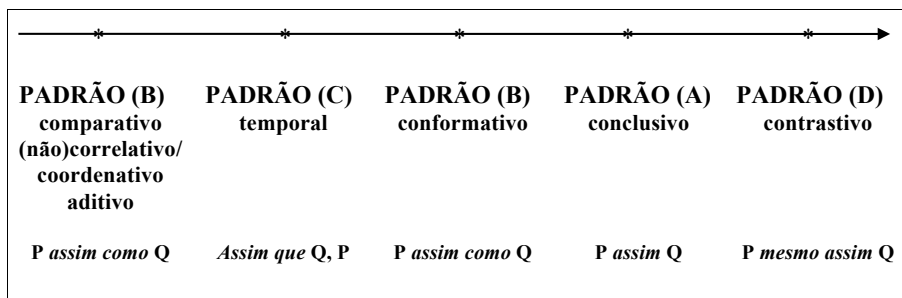
**Quadro 3** – Não discretude semântica e complexidade cognitiva de relações interoracionais

**Fonte:** Autoria própria.

Esse quadro serve-nos como exemplo da organização interna do espaço semântico de relações interoracionais em termos de: (i) seus graus relativos de “discretude”, de um lado, e (ii) seus graus relativos de “simplicidade/complexidade cognitiva”, de outro. Dessa forma, no que diz respeito a (ii) sustentamos que a relação:

- (i) temporal de Anterioridade imediata, caracterizadora do Padrão (C), é mais complexa do que qualquer outra à sua esquerda e menos do que qualquer outra à sua direita;
- (ii) CCC de Contraste, caracterizadora do Padrão (D), é mais complexa do que a relação de Causa/consequência, caracterizadora do Padrão (A), ou qualquer outra à sua esquerda e menos complexa do que a relação de Concessão à sua direita;
- (iii) modal de Similaridade, caracterizadora do Padrão (B), é menos complexa do que a relação de Comentário/acordo, caracterizadora do Padrão (B)-conformidade, ou qualquer outra à sua direita.

Diante dessas constatações, sugerimos, a partir da análise realizada, o seguinte *continuum* de complexidade cognitiva crescente:



**Figura 2** – *Continuum* de complexidade cognitiva crescente

**Fonte:** Autoria própria.

Adicionalmente a (i) e (ii), Kortmann (1997) argumenta que, antes de qualquer coisa, também existem evidências morfológicas e semânticas, suportando a intuição de que relações interoracionais diferem quanto à *basicness* cognitiva ou centralidade para o raciocínio humano. Os parâmetros elaborados pelo autor permitem postular uma estrutura em camadas no espaço semântico de relações interoracionais, consistindo em um núcleo de relações circunstanciais básicas e diversas camadas de relações cada vez mais periféricas. Entre as relações que constituem o núcleo hipotetizado por Kortmann, (1997), localizam-se vários dos Padrões identificados e analisados neste trabalho, tal como podemos observar a partir da adaptação da figura que segue:



**Figura 3** – *Basicness* cognitiva ou centralidade para o raciocínio humano

**Fonte:** Autoria própria.

Como resultado de sua pesquisa, Kortmann (1997) afirma que as doze relações que constituem o núcleo (representado em cinza) exibem o mais alto grau de lexicalização em juntores, i. é, em um alto número de línguas foram encontrados juntores codificando, lexicalmente, tais relações. A afirmação, portanto, é de que essa disponibilidade reflete a *basicness* cognitiva ou, em outras palavras, que “os princípios lexicais codificam os cognitivos” (KORTMANN, 1997, p.341, grifo do autor). De acordo com essa colocação, entre os Padrões de uso juntivo de **assim** e formas correlatas, apenas o (B)-conformativo e a possível acepção comparativa, considerando-se sua relação intrínseca com similaridade,<sup>12</sup> encontram-se fora desse núcleo.

É crucial, para Kortmann (1997), notar que esse conjunto central recebe suporte da análise da frequência em várias línguas. Disso concluímos que *basicness* cognitiva de relações interacionais pode, enfim, ter reflexos na língua, de modo a se caracterizar por itens altamente gramaticalizados ou, acrescentamos, em vias de GR, mediante frequência de uso. Dessa forma, segundo o autor, tal reflexo linguístico encontra identificação também com a estabilidade temporal, indicativa de que na codificação das relações interacionais mais básicas estarão os juntores mais “velhos” em uma língua, aqueles que já passaram, pelo menos, por mudanças morfo-semânticas ao longo do tempo. Diante dessa colocação e da observação proporcionada pela análise aqui realizada, estendemos a afirmação de Kortmann (1997), assumindo que não apenas juntores já em uso podem ser identificados nesse núcleo, mas também juntores que, ao longo do tempo, sofrem GR, o que equivale a dizer que os sistemas de relações semântico-cognitivas nucleares também favorecem a emergência de mecanismos que, a partir do material linguístico disponível na língua, atuarão na constituição de formas novas de codificar velhas relações.

**Complexidade cognitiva** e “*basicness*” **cognitiva** precisam ficar separadas, isso porque a segunda não necessariamente envolve a primeira, sendo o inverso também verdadeiro. Concessão/contraste é um exemplo de relação interacional que exhibe alto grau de complexidade cognitiva e que, claramente, pertence ao conjunto central de relações cognitivamente básicas.

Ainda é possível sugerir uma organização macroestrutural em sistemas maiores de relações interacionais, tais como os sistemas **temporais, modais**, e, num sentido mais amplo, **causais, condicionais e concessivos** (CCC) (KORTMANN, 1997). Nessa direção, a indicação de relações interacionais individuais de um desses sistemas maiores, por sua vez, é motivada por um grau suficiente de similaridade semântica entre as relações e, ao mesmo tempo, por um grau suficiente de diferenças semânticas a partir da comparação com

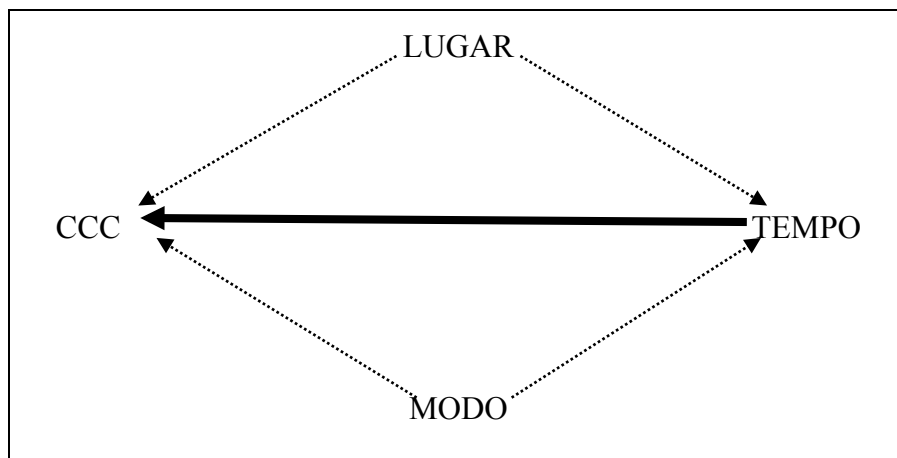
---

<sup>12</sup> Cf. HASPELMATH; BUCHHOLZ (1998).

outras relações circunstanciais. À luz dessa afirmação, focalizaremos exatamente esta similaridade semântica, já indicada na descrição de cada um dos Padrões e indicativa do processo gradual de mudança por GR, não somente com um olhar sobre a similaridade interna do sistema. Ao contrário, investigaremos os diferentes graus de relações semânticas existentes entre algum par ou conjunto de relações interoracionais em geral, independente de pertencerem ao mesmo ou a sistemas semânticos distintos. Assim, a exemplo de Kortmann (1997), essa generalização é mais ambiciosa do que apenas esclarecer a estrutura interna de sistemas individuais, uma vez que representa uma tentativa de revelar as mais importantes das múltiplas relações, envolvidas no processo de mudança semântica subjacente à GR, que as relações individuais contraem de forma a constituírem o espaço semântico de relações interoracionais expressas pelos Padrões focalizados.

A evidência apresentada aqui permite a afirmação de que há modelos de espaços semânticos de relações interoracionais capazes de refletir as afinidades e suas forças relativas, dentro e entre os maiores sistemas. Esses modelos são apresentados por Kortmann (1997), na forma de mapas cognitivos, adequadamente também chamados de canais de polissemia, tridimensionais e similares aos modelos de moléculas em química.

Sobre um macronível, desprezando-se a intrincada estrutura interna de cada um dos sistemas (principalmente dos sistemas **temporal** e **CCC**), o espaço semântico das relações interoracionais identifica-se com quatro conjuntos de relações: **locativas, temporais, modais e CCC**, como mostra o mapa, extraído de Kortmann (1997, p.117):

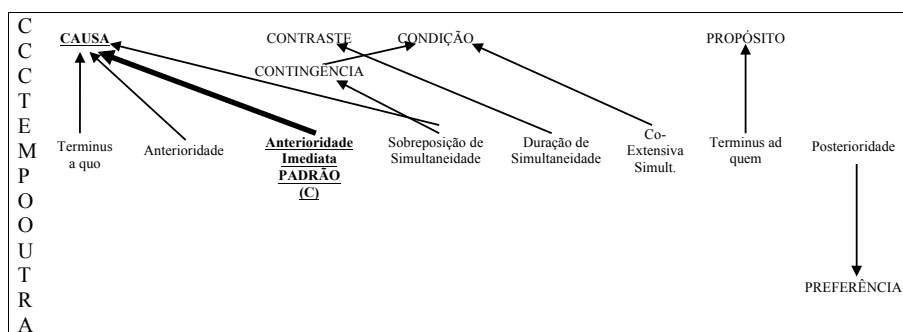


**Figura 4** – Espaço semântico interoracional

**Fonte:** Kortmann (1997, p.117).

De acordo com o mapa, de modo geral, existem somente afinidades fracas entre os sistemas de relações locativas e temporais, temporais e modais, modais e CCC, assim como CCC e locativas. Entretanto, de modo específico, i. é, partindo dos resultados apontados pelos dados analisados, as relações que apresentam grau mais alto de afinidade semântica podem ser apreendidas entre os sistemas que partem das relações modais, por conta da própria natureza do item **assim**. Afinidades semânticas são virtualmente ausentes entre as relações locativas e modais, também em nossos dados.

Dessa forma, a partir da análise sintático-semântica, observa-se que, na acepção conclusiva do Padrão (A), está implícita uma relação de **causa/consequência** ou ainda de **causa/efeito** que proporciona a apreensão de contextos de ambiguidade semântica entre **modo**, característico do sistema a que pertence originalmente seu item fonte, e a relação mais abstrata, característica do sistema CCC (**causa/consequência**).



**Figura 5** – Mapa cognitivo das relações temporais

**Fonte:** Autoria própria.

A análise empreendida a partir dos dados característicos do Padrão (C) mostra uma relação entre o sistema modal e o temporal. Entretanto, diacronicamente, foram constatados usos, anteriores aos temporais, em que estava implicada uma relação consecutiva, característica do sistema CCC. De fato, associam-se as duas leituras, a temporal e a consecutiva, aos traços semânticos do item fonte a partir do sistema modal. Estamos afirmando, portanto, que o item central para o Padrão, de natureza modal, favorece leituras consecutivas e temporais, sendo, posteriormente, especializado, via usos mais frequentes, na acepção temporal. Dessa forma, não estamos entendendo que, diacronicamente, os usos que permitem leitura consecutiva correspondam a uma etapa do desenvolvimento da leitura temporal do Padrão.<sup>13</sup> O mapa cognitivo

<sup>13</sup> Caracteriza-se um caso de: (i) estratificação (a mesma construção permite leituras **consecutivas** e **temporais**); e (ii) especialização (apresenta, com o tempo, maior frequência de usos temporais).

das afinidades mais importantes que superam o sistema das relações temporais ilustra como, de fato, essa relação, refletida nos dados analisados do Padrão (C), é comum, de modo geral, ao sistema temporal.

O Padrão (D) sugere uma relação que parte, também por conta do item **assim**, do sistema modal, em direção ao sistema CCC.<sup>14</sup> Diferentemente dos demais Padrões aqui destacados, esse revela usos bastante ambíguos, por aspectos distintos, em que a partir de uma leitura basicamente adversativa, pode-se inferir, por conta da própria fluidez semântico-pragmática, uma relação concessiva, mais abstrata. Dessa forma, em contextos marcados por relações indicativas do sistema CCC, o Padrão caracterizado como **contrastivo**, por conta dessa fluidez, apresenta também casos de polissemia interna a um mesmo sistema, em micronível. Chama-se a atenção para a presença, nesse micronível, também das relações de causa e condição, como características marcantes dos contextos que propiciam a emergência da acepção contrastiva do Padrão (CHEN, 2000; GUIMARÃES, 1987; HALLIDAY; HASAN, 1976; KOCH, 2001; KÖNIG, 1985; MARTELOTTA, 1998; NEVES, 1999).

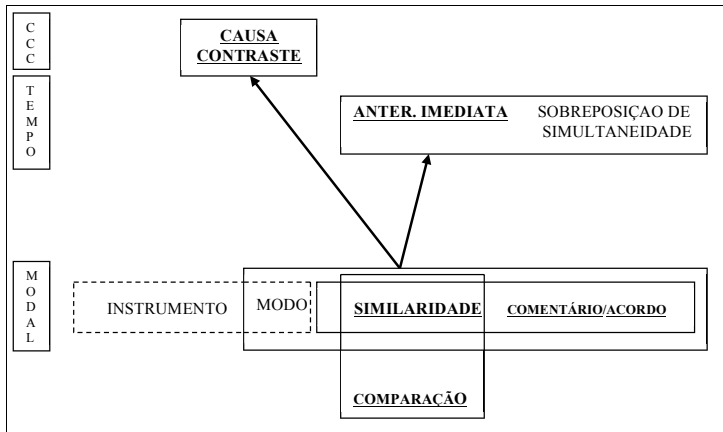
Por sua vez, o Padrão (B) não passa de um sistema de relação a outro, mas apresenta mudanças semânticas internas ao mesmo sistema, em nível da microestrutura, em que se observa um desenvolvimento possível da Similaridade, relativa à **igualdade de modo**, à Similaridade, relativa à **igualdade de extensão**, equivalente à comparação. Além disso, esse mesmo Padrão apresenta usos mais abstratos, indicativos de conformidade. Entretanto, de modo geral, todos os usos (mais/menos abstratos) do item, nesse Padrão, encontram-se no domínio das relações de modo.

Portanto, em micronível, a relação de comparação acrescenta-se às de modo, similaridade e comentário/acordo, a partir de sua frequente sinalização com uma leitura primária ou secundária de juntores de similaridade. Destacamos, portanto, apoiados em Kortmann (1997), que esta afinidade semântica dificilmente pode causar algum tipo de espanto, dado que comparação envolve similaridade. O que interessa aqui, entretanto, é que, em geral, as relações modais individuais apresentam todas as suas importantes afinidades com outras relações interacionais internas ao sistema. De fato, as únicas ligações que superam o sistema, e que foram mencionadas e ilustradas aqui a partir dos Padrões (A), (C) e (D), são aquelas com Anterioridade imediata, tendo como meta o sistema temporal, de um lado, e com Causa e Contraste, tendo como meta o sistema CCC, de outro.

---

<sup>14</sup> Embora essa direção seja justificada a partir das leituras com acepção mais concreta do Padrão, uma investigação mais pormenorizada, especificamente dos itens **mesmo** e **ainda**, constitutivos, com **assim**, desse Padrão (nas variações **mesmo assim** e **ainda assim**), pode apontar outros caminhos de desenvolvimento semântico-cognitivo.

Diante disso, para finalizar essa seção, o mapa cognitivo que segue ilustra essas importantes relações de afinidades que superam o sistema de relações modais e, da mesma forma, as relações internas ao sistema em micronível, relativas ao Padrão (B):

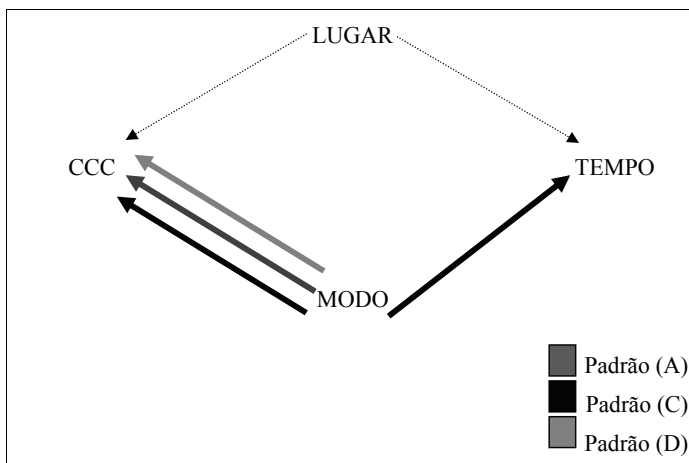


**Figura 6** – Mapa cognitivo das relações modais

**Fonte:** Autoria própria.

### Considerações finais

A adaptação do mapa sugerido por Kortmann (1997), a seguir, ilustra os movimentos, em macronível, sugeridos a partir de nossos resultados:



**Figura 7** – O mapa cognitivo das relações juntivas de **assim** e formas correlatas

**Fonte:** Autoria própria.



Esses resultados também corroboram a unidirecionalidade das afinidades, refletidas nas direções observáveis mais frequentemente em mudanças semânticas que geram juntores, tal como proposto por Kortmann (1997). As relações modais dão origem às relações causal e contrastiva, no sistema de relações CCC, especificamente no que tange aos Padrões (A) e (D), respectivamente, e abastecem o sistema de tempo, de acordo com o Padrão (C), mas não vice-versa. De acordo com esses resultados, podemos apontar: (i) corroborando afirmação de Kortmann (1997), que o sistema **tempo** é geralmente a meta do processo de extensão do significado de itens originalmente modais (e também locativos); (ii) que, embora o eixo **modo** > CCC seja considerado fraco, tipologicamente, segundo Kortmann (1997), nossos dados comprovam que a natureza semântica dos itens envolvidos no processo é que, necessariamente, determina o sistema *fonte* da mudança. Dessa forma, no nosso caso, o sistema **modo** assume características de sistema fonte forte.

A análise das relações semântico-cognitivas no processo de GR de **assim**, especialmente no que tange aos seus Padrões interoracionais ((A) a (D)), forneceu-nos uma escala crescente de complexidade cognitiva associada à discretude semântica e uma especificação das relações interoracionais desempenhadas por esses Padrões. Os resultados dessa análise permitiram a identificação de uma relação tridimensional de derivação entre os domínios cognitivos, apontando **modo** como a macrofunção mais produtiva nos dados.

Dessa forma, a vantagem em se projetar e adotar um mapa como o sugerido é a de que ele não apenas captura a macroestrutura do espaço semântico de relações interoracionais, como também favorece a formulação de restrições sobre a natureza da polissemia e direções possíveis da mudança semântica tal como observada para juntores de base adverbial, possibilitando a identificação dessas direções como caminhos mais ou menos fortes na relação entre domínios **fonte** e **meta** em casos específicos de mudança via GR.

LOPES-DAMASIO, L. R. *An specific approach to the semantico-cognitive relations in grammaticalization processes*. *Alfa*, Araraquara, v.55, n.2, p.457-476, 2011.

- *ABSTRACT: This paper suggests a specific approach to the semantico-cognitive change in grammaticalization processes which draws upon the exploration of non-discretion conceptual degrees and the increasing cognitive complexity according to Kortmann's (1997) studies on adverbial-based subordinators. The universe of investigation is made of written texts (editorials, letters, and e-mails) and spoken texts (samples from the database IBORUNA), representing the 18<sup>th</sup> to 21<sup>th</sup> centuries. Concerning the connecting usage patterns of **assim** based on Halliday (1985) approach, i.e. the coordinative, conclusive connector (P **assim** Q), comparative, confirmative connectors (P **assim como** Q), temporal connector (**Assim que** Q, P), and contrastive connector (P, **mesmo assim** Q), this study concludes that the analysis of the semantico-cognitive relations in the process of grammaticalization of **assim** provided*

us with an increasing cognitive complexity scale related to the semantic discretion and a specification of inter-sentence relations set up by these patterns. Accordingly, the results of the analysis allowed us to suggest a tridimensional derivation relation among the cognitive domains, pointing out to Mode as the most productive macro-function in the data.

- **KEYWORDS:** *Semantico-cognitive relations. Grammaticalization. Linguistic change. Cognitive domains.*

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.; LOPES, C. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cartas de leitores e de redatores*. [S.l.]: [s.n.], 2002. CD.

BARROSO, P. H. O.; BATISTA, A. S. *Correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo*. [S.l.]: [s.n.], 2007. CD.

BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. Crosslinguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIAK, J. (Ed.). *Historical semantics and historical word-formation*. Berlin: Mouton, 1985. p.59-83.

CHEN, G. The grammaticalization of concessive markers in Early Modern English. In: FISCHER, O. (Org.). *Pathways of change, grammaticalization in English*. Philadelphia: John Benjamins, 2000. p.85-108.

CRUZ, G. D. da. O e-mail e sua produção no meio eletrônico: o suporte afeta o gênero? *Revista Letra Magna*, [s.l.], v.3, n.5, p.1-22, 2006.

GUIMARÃES, E. R. J. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

HAEGEMAN, L. Subordinating conjunctions and X'-syntax. *Studia Germanica Gandensia*, Gent, n.2., p.134-138, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In: \_\_\_\_\_. *An introduction to Functional Grammar*. New York: Arnold, 1985. p.192-252.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HASPELMATH, M.; BUCHHOLZ, O. Equative and simulative constructions in the languages of Europe. In: AUWERA, J. van der; O'BAOILL, D. P. (Ed.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton, 1998. p.277-334.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. Semantic type, factivity, and the expression of adverbial clauses. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *The internal structure of the adverbial clauses*. Stockholm: Eurotyp, 1993. p.119-132.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KABATEK, J. Introduccion. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana, 2008. p.7-16.

\_\_\_\_\_. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis – Revista de Lingüística y Literatura*, Lima, v.29, n.2, p.151-177, 2005.

\_\_\_\_\_. Oralidad, proceso y estructura. *Pandora*, Paris, v.2, n.2, p.37-54, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os falantes como lingüistas: Tradición, innovación e interferências no galego actual*. Salamanca: Edicions Xerais de Galicia, 1996.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in english: diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v.66, n.1, p.1-19, 1985.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin: Mouton, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. Gramaticalização e grau de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v.2, n.3, p.37-56, 1998.

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos Estudos*. São Paulo: Humanitas, 1999. v.2. p.545-591.

PAIVA, V. L. M O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.68-90.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SIMÕES, J. S; KEWITZ, V. *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas, 2006.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (Org.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003a. p.624-647.

\_\_\_\_\_. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. (Ed.). *Motives for language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b. p.124-140.

\_\_\_\_\_. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 12., Manchester, 1995. **Proceedings...** Manchester: [s.n.], 1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2004.

\_\_\_\_\_. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectivication in semantic change. *Language*, Baltimore, n.65, p.31-55, 1989.

\_\_\_\_\_. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p.245-271.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v.1. p.189-218.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 05 dez. 2007.

Recebido em fevereiro de 2011.

Aprovado em maio de 2011.